



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

08, 09 e 10 de agosto de 2015

Diário Catarinense

Contracapa

“Livros com desconto”

Livros com desconto / Feira de Livros / Editora da UFSC / Fortalezas / As defesas da Ilha de Santa Catarina e do Rio Grande do São Pedro / EdUSP / EdUnicamp / Boitempo / Companhia das Letras / Centro de Convivência / UFSC



Livros com desconto

Começa na segunda a já tradicional Feira de Livros da Editora da UFSC, com descontos que chegam a 70%. Um dos destaques é a luxuosa edição sobre as fortalezas do Sul do Brasil, *As Defesas da Ilha de Santa Catarina e do Rio Grande de São Pedro em 1786*. Com capa dura, formato de livro de mesa, ricas ilustrações e miolo em papel couché, a obra sai por apenas R\$ 30. Há também exemplares com preço reduzido em 30% de títulos publicados por editoras universitárias (EdUSP, EdUnicamp) e comerciais (Boitempo, Companhia das Letras). A feira vai até 11 de setembro, de segunda a sexta, das 9h às 20h, no Centro e Convivência da UFSC.

Notícias do Dia

Carlos Damião

“Feira de livros”

Feira de livros / Editora da UFSC / Centro de Convivência

Feira de livros

Começa hoje mais uma edição da Feira de Livros da Editora da UFSC. Descontos de até 70% nos títulos do catálogo. No caso de outras editoras universitárias e comerciais, o abatimento nos preços chegam a 30%. O evento acontece de segunda a sexta, das 9h às 20h, no Centro de Convivência da UFSC e segue até 11 de setembro.

**Notícias do Dia
Plural**

“O mentor da modernidade”

O mentor da modernidade / Anibal Nunes Pires / Centenário / Um mestre por vocação / Santa Catarina / Walter da Luz / Abrigo de Menores / Colégio de Aplicação / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Zeca Pires / Florianópolis / Grupo Sul / Revista Sul / Brasil / José Henrique Nunes Pires / Udesc / Colégio Coração de Jesus / Esag / Escola Superior de Administração e Gerência / Curso de Jornalismo / João Paulo Silveira de Souza / Colégio Catarinense / Instituto Estadual de Educação / Salim Miguel / Othon d’Eça / Altino Flores / Oswaldo Ferreira de Mello / Feliciano Nunes Pires / Cristóvão Nunes Pires / Horácio Nunes Pires / Hino de Santa Catarina / Anibal Nunes Pires – Educação e Literatura / Editora da UFSC / Eglê Malheiros / Flávio José Cardozo / Rodrigo de Haro

EDITORA: Darlene Pasternak ::: plural@noticiasodia.com.br ::: @Dari_ND ::: FOTO: Arquivo Familiar Nunes Pires/Divulgação/ND



Um mestre por vocação

Centenário. Aníbal Nunes Pires foi professor de várias gerações de florianopolitanos e estimulador das artes em Santa Catarina

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasdodia.com.br

Walter da Luz fazia parte da cota de cinco internos do Abrigo de Menores com direito a frequentar o Colégio de Aplicação da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) quando, por causa de uma nota publicada no jornalzinho da escola, foi expulso pelo diretor. Em desespero, pois a família não tinha condições de custear seus estudos, ele foi aconselhado a "procurar o professor Aníbal". Ficou sem jeito, caminhou durante horas na rua Almirante Alvim sem coragem de bater, até que o dono da casa saiu e soube do ocorrido pela boca do próprio estudante. "Amanhã quero te ver no colégio" foi a resposta. Anos depois, ao dar um depoimento para Zeca Pires, chorou ao descobrir que o cineasta era filho de Aníbal Nunes Pires, o professor que garantira as suas aulas – e o seu futuro.

Esse episódio ilustra bem a história de vida de Aníbal Nunes Pires, cujo centenário de nascimento é comemorado neste domingo, dia 9. Assim como mudou o destino do Dr. Juca, como Walter da Luz é conhecido (anos depois ele

foi vereador e exerceu diversas funções públicas em Florianópolis), o professor influenciou várias gerações na cidade, como um humanista que fez do magistério um misto de profissão e vocação. Além disso, com sua experiência e cultura, ele agregou um grupo de intelectuais rebeldes e pouco disciplinados que resolveram trazer o Modernismo para Santa Catarina. O Grupo Sul, responsável por este papel, deve muito a esse mestre que abrigou os idealistas e ajudou-lhes a encontrar um rumo, nos final da década de 1940.

Diz-se que nenhuma unanimidade é inteligente, mas no caso de Aníbal Pires é difícil identificar alguém disposto a fazer-lhe críticas ou objeções. Bonachão, era reverenciado pelos alunos. Culto, editou e expediu as 30 edições da "Revista Sul" para escritores do Brasil e de fora dele, numa época em que as letras catarinenses ainda adotavam o empolado estilo parnasiano de se expressar. E, assim, granjeou discípulos e amigos que nunca se cansaram de louvar sua disposição de dividir, sem afetação e ar de superioridade, o grande conhecimento que tinha.

O pai como modelo

José Henrique Nunes Pires, o filho cineasta, tinha menos de 16 anos quando perdeu o pai, em abril de 1978. Único varão da prole, conta que quando nasceu ele foi para a janela da maternidade e gritou para quem quisesse ouvir: "É menino!" Mesmo muito ocupado, porque deu aulas em vários colégios de Florianópolis, sem falar que lecionou na UFSC e na Udesc (Universidade do Estado), onde também exerceu funções de chefia, ele encontrava tempo para a família, a ponto de estimular as filhas mais velhas a lerem para Zeca e a irmã caçula. O poema "E agora, José?", de Carlos Drummond de Andrade, era um dos textos recorrentes nas leituras que antecipavam as noites de sono do menino.

Quando cantarolava uma

música, Zeca Pires era instado pelo pai a transcrever a letra para que ele pudesse levá-la aos seus alunos do ensino médio – só no colégio Coração de Jesus, onde também estudara, ele ficou 39 anos. Nunca chegou a acumular capital, porque não fazia do dinheiro uma prioridade, e nem chegou a se aposentar. A casa que construiu em Coqueiros, em 1970, usou por pouco tempo, pois morreu oito anos depois. Nessa época, Zeca fez vestibular para engenharia mecânica, mas já filmava em super-8 e decidiu fazer administração na Esag (Escola Superior de Administração e Gerência) e depois jornalismo na UFSC. Ele admite que sua opção pelo cinema e pelas coisas da cultura teve a influência do renomado professor que foi seu pai.



Em 1950. Aníbal (à esq.) com o cineasta Alberto Cavalcanti e o escritor Salim Miguel, com quem dividiu a concepção do Grupo Sul



Ensino. O professor (centro) e seus alunos do curso médio em 1936



Círculos. Aníbal (sentad)



Família intelectual. Aníbal Nunes Pires com a poeta e prima Judith Nunes Pires Morley (à frente) e amigos



FOTOS: ARMANDO FERREIRA NUNES/ARTEFOTOGRAFIA

o) e Armando Carreirão, que dirigiu "O Preço da Ilusão", primeiro longa-metragem catarinense

Silveira, o aluno que virou escritor

O contista João Paulo Silveira de Souza foi aluno de Anibal Nunes Pires no Colégio Catarinense e no Instituto Estadual de Educação, mas guarda boas lembranças também da casa do professor, quando este morava nos altos da rua Conselheiro Mafra (perto de seu endereço, na Bento Gonçalves) e lhe emprestava livros de Carlos Drummond de Andrade e Dalton Trevisan. "Eram escritores novos, que quase ninguém conhecia aqui", conta ele. Além disso, a biblioteca de Anibal destoava das congêneres na Ilha porque tinha coisas importantes publicadas a partir do movimento modernista de 1922 – movimento que só nos finais dos anos 40 repercutiu e deu frutos por aqui.

Silveira de Souza também lembra de ter mostrado seus primeiros contos a Anibal Nunes Pires e que este, após fazer alguns reparos, afirmou que o candidato a escritor levava jeito para a literatura. Desses contatos iniciais, em sala de aula e nas conversas sobre livros, resultou uma amizade que mais tarde desembocou na apresentação de Silveira aos membros do Grupo

Sul. "Ele era diretor da 'Revista Sul' e fez chegar o trabalho de nossos autores a todo o Brasil e também a outros países", destaca Silveira. Num tempo de comunicação precária e de dificuldades para encontrar obras recentes, ter acesso a uma biblioteca atualizada – incluindo os campos da filosofia e da matemática, que sempre atrairam o contista ilhéu – era um privilégio e tanto.

Silveira brinca dizendo que, mesmo sendo um excelente professor, Anibal era melhor fora de sala, porque suas conversas revelavam um homem carismático e de uma cultura admirável para a época e a cidade. Como uma espécie de guru do Grupo Sul, permitiu, junto com Salim Miguel e outros pioneiros, que Florianópolis – ilha também do ponto de vista literário – pudesse deixar para trás os ranços da chamada "geração da Academia", encabeçada por Othon d'Eça e Altino Flores. "Os novos trouxeram uma linguagem mais livre e coloquial, que chocou a antiga geração, mas que renovou a cultura local, não só na literatura, mas também no teatro, no cinema e nas artes plásticas", diz Silveira.



BRUNO KOPPEL/ARND

Ligações culturais. Zeca Pires Nunes, o filho cineasta prepara livro e documentário sobre o pai

LIVRO E DOCUMENTÁRIO

O cineasta Zeca Pires, filho de Anibal, está preparando um livro (com um documentário encartado) sobre a família Nunes Pires, com a ajuda da pesquisadora Elisiane Castro, que deve ser publicado ainda este ano pela Editora da Unisul. Neste domingo, 9, às 19h30, uma missa em ação de graças pelos 100 anos de Anibal Nunes Pires será realizada no Santuário de Fátima, no Estreito, em Florianópolis.

Uma família de destaque

Da infância, Zeca Pires se lembra da residência da Almirante Alvim, tão espaçosa que andava de bicicleta pelos aposentos. A casa tinha sótão e porão e era onde o músico e escritor Oswaldo Ferreira de Mello vinha para fazer serenatas e mostrar aos amigos as letras que escrevia. "Meu pai só tinha o vício do jogo do bicho e das partidas de baralho", conta Zeca. A casa também era o lugar para onde Anibal gostava de levar os alunos da Faculdade de Educação (então localizada na rua Saldanha Marinho) para conversar sobre livros e outros assuntos, para a surpresa da mulher, que com o tempo foi se acostumando com esse hábito do professor.

A família Nunes Pires sempre teve grande destaque na política e na cultura catarinense. Feliciano Nunes Pires foi governador da província entre 1831 e 1835, assim como Cristóvão Nunes Pires (1894/1894). Também houve deputados, escritores e poetas, entre eles o novelista e dramaturgo Horácio Nunes Pires, autor do hino de Santa Catarina.



Competência. Anibal (à esq.), um ex-cimex nadador

Palavras de reconhecimento

No livro "Anibal Nunes Pires – Educação e Literatura" (Editora da UFSC, 2006), organizado por Eglê Malheiros, Salim Miguel, Flávio José Cardozo, Silveira de Souza e Zeca Pires, aparecem mais de 30 artigos que falam da figura e do legado de Anibal Nunes Pires, que em vida publicou apenas uma obra – os poemas de "Terra Fraca", de 1956, pelos Cadernos Sul. Num texto quase da virada do século (1999), o pintor Rodrigo de Haro assim definiu o mestre: "Um humanista obstinado e um sábio que, cheio de referência e melancolia (posso dizer também ironia...), cultivou o caminho mais difícil, a senda que foge da ostentação. A extensa cultura de Anibal nunca o desviou do sentimento cotidiano".

Salim Miguel, decano da literatura catarinense, sempre ressaltou o papel de Anibal para a consolidação do Grupo Sul, que revolucionou a literatura e as

artes no Estado. "Jovens com interesses artísticos, propostos a abalar a pasmaçeira da Ilha, contarmos com o professor Anibal foi importante, com seu jeito paciente e tranquilo de ensinar aprendendo", escreveu o autor de "Nur na Escuridão".

O livro também traz discursos de Anibal, considerados verdadeiras aulas de cultura e compromisso com a educação. Numa fala dita na formatura dos alunos do Colégio Catarinense, em 1950, ele afirmou: "Não deixéis que os vossos sonhos sejam povoados de cenas dantescas: inocentes e caluniados, sofrendo pela carência de defesa; seres humanos morrendo à mingua de socorros médicos; pontes e edifícios desmoronando pela inépcia de seus engenheiros; déficit, fraudes, fraudes e desfalques no erário público pela negligência dos administradores; crianças e moços tateando no negro da noite pela incapacidade de seus orientadores".

Notícias do Dia Panorama

“Pequena indústria influencia inovação”

Pequena indústria influencia inovação / Fundação Certi / Leandro Carioni / Empreendedorismo / Incubadoras / Parques tecnológicos / Santa Catarina / Amazonas / Sinapse da Inovação / InovAtiva Brasil / MDIC / Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

16 NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 8 E 9 DE AGOSTO DE 2015

PANORAMA

ALESSANDRA OGEDA

panorama@noticiasdodia.com.br



EMPREENDEDOR.
Carioni é diretor-executivo da Fundação Certi e coordena o Sinapse da Inovação e o InovAtiva Brasil

Pequena indústria influencia inovação

O diretor-executivo da Fundação Certi, Leandro Carioni, 43, nasceu em Florianópolis, viveu o início da ebulição da tecnologia nos Estados Unidos e voltou para a cidade natal para coordenar projetos de fomento à inovação e ao empreendedorismo. Hoje, ele não apenas chefiava a implantação de incubadoras e parques tecnológicos pelo país e alimenta a expectativa dos empreendedores de Santa Catarina e do Amazonas pela próxima edição do Sinapse da Inovação, como está coordenando o programa InovAtiva Brasil do MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior).

Qual foi a principal conquista do programa Sinapse da Inovação em Santa Catarina nestes oito anos de história?

A principal conquista está voltada para a cultura que foi desenvolvida no Estado de que é possível empreender. O Sinapse da Inovação mostrou um caminho para aqueles que tinham simplesmente uma ideia e não sabiam por onde começar.

“Sinapse mostrou caminho para quem tinham uma ideia e não sabia por onde começar.”

Qual é o maior desafio para que uma ideia inovadora seja transformada em uma startup de sucesso e em uma empresa relevante?

O maior desafio está com os empreendedores. Temos que ter alguém realmente resiliente, capacitado, um líder que possa agregar. Bom para a gente que o brasileiro, apesar da gente ter um monte de defeitos, uma das nossas grandes qualidades é essa resiliência, essa vontade de acreditar às vezes no impossível, no que não é inviável, mas a gente vai lá e acaba fazendo.

“Em breve, o programa terá uma quinta rodada de seleção de empre-

sas em Santa Catarina. Qual é a expectativa sobre os participantes?”

O que tem acontecido? A gente tem ficado no número de 1.300 ideias todos os anos. Considero um excelente número. Dessas, 100 vão ser apoiadas. Não temos aumentado exponencialmente o número de ideias, só que tem algo por trás fundamental: o critério de seleção é muito bem estabelecido e testado, e a gente tem percebido que, nos últimos anos, as notas – que antes começavam em 4,5 – já estão em 7,5. Isso é muito legal.

Isso demonstra qualificação.

Essa qualificação é enorme. As pessoas estão começando a dizer: “Olha, para o Sinapse não dá não, tem que dar uma preparada, uma melhorada, nós temos que entrar para matar”.

Vocês acompanham as startups depois delas passarem pelo Sinapse?

Sim. Na verdade, o que acontece? Nós tentamos monitorar. Dessas 293 que foram apoiadas, uma boa parcela pegou a sua tecnologia e vendeu para uma grande empresa. E essa grande empresa pode ser Weg, Embraco, as grandes nacionais. Isso aí nos dá um sinal muito legal: as grandes indústrias estão inovando a partir da pequena empresa. Sei que hoje, destas 293 empresas, 248 vivem, estão vivas. Apenas oito foram extintas. Muito melhor que a média do país.

Este ano, o Sinapse chegou ao Amazonas. Qual o resultado dessa expansão?

Fizemos basicamente as mesmas estratégias, adequando um pouco a linguagem e o suporte que a gente dá para o empreendedor. Aqui você anuncia o Sinapse e o pessoal já vem. La precisou de um esforço maior, mas é normal, porque foi o primeiro, e nós recebe-

mos 1.200 ideias também. Bem emblemático o número, porque parece que tudo caminha para esse número. E foi algo interessante.

O MDIC procurou vocês para fazer exatamente o que com o InovAtiva?

A operação. Hoje quem faz toda a operação do InovAtiva no Brasil somos nós. Começamos este ano. Eles [MDIC] viram que aqui tínhamos uma metodologia e uma inteligência que eles queriam levar e fazer um grande programa nacional.

Qual é a tua avaliação do InovAtiva?

É um programa bastante interessante. Mas hoje já não tem muita diferença de um programa de captação de outro. Existem, na verdade, pequenas diferenças. O que estamos fazendo no InovAtiva? Quando nós assumimos o programa, faltava um mês para ele ser lançado. Então não tinha como fazer nenhuma mudança radical. Estamos implementando essas mudanças paulatinamente. No que que vem, vai ser realmente bastante... vamos ter algumas coisas a mais para apresentar.

Voltando para uma questão anterior: algum outro Estado nos planos para receber o Sinapse?

Sim. O Amazonas já tem [o Sinapse], e estamos conversando com mais quatro Estados que estiveram aqui [na Fundação Certi]. Estados em que a gente trabalha ou com incubadora ou com parque [tecnológico]. O nosso centro aqui já fez 20 parques tecnológicos pelo Brasil. Isso aí, na verdade, vai preenchendo esse ecossistema. Então a gente tem recebido muita visita querendo saber como a gente conseguiu fazer algo bastante leve, de passar tranquilo. Tenho Mato Grosso, Alagoas, Minas Gerais e Ceará que têm nos procurado. Mas ainda nada feito.

Perfil do Sinapse da Inovação

Número de operações:
4 e mais um projeto piloto

Abrangência:
operação piloto apenas em Florianópolis, as operações em Santa Catarina

Ideias inovadoras submetidas: 4.881

Proposta selecionadas: 321

Aportes efetivados: 300

Empresas inovadoras criadas: 294

Empresas ativas no final de 2014: 245

83% das empresas criadas pelo programa desde 2008 seguem ativas

Investimentos no programa

Fapesc – R\$ 15 milhões

Sebrae-SC – R\$ 4,5 milhões

Finep – R\$ 1,5 milhão

MCTI – R\$ 300 mil

Total – R\$ 21,3 milhões

Estimativa de faturamento das empresas criadas e ativas

2013 – R\$ 72 milhões

2014 – R\$ 120 milhões

Estimativa de impostos gerados por estas empresas

2013 – R\$ 16 milhões

2014 – R\$ 27 milhões

Empregos gerados pelas empresas

1.200

Sendo 500 sócios proprietários e 700 funcionários diretos

Principais temáticas das empresas

36% TIC

14% Eletroeletrônica

13% Energia e meio ambiente

9% Mecânica mecatrônica

8% Biotecnologia

7% Tecnologias sociais

6% Materiais

FONTE: FUNDAÇÃO CERTI



Na entrevista em vídeo, no **NOOnline**, Carioni fala sobre a evolução do perfil e dos setores de atuação dos projetos inscritos no Sinapse

Diário Catarinense
Notícias
"Como o país vai crescer"

Como o país vai crescer / Economia / Brasil / PIB / Produto Interno Bruto / Crise / Jurandir Macedo / UFSC / Júlio César Gomes de Almeida / Carlos Thadeu de Freitas / Maurício Molan / Marcílio Marques Moreira / José Luiz da Costa Oreiro / Samy Dana / João Rogério Sanson / Paulo Rabello de Castro / Celso Pudwell

NOTÍCIAS

DIÁRIO CATARINENSE,
DOMINGO,
9 DE AGOSTO DE 2015

20

ECONOMIA | PERSPECTIVAS PARA O BRASIL

COMO O PAÍS VAI CRESCER



OTIMISTA

EMPRESÁRIOS, ANALISTAS DE MERCADO E ECONOMISTAS traçam, a convite do Grupo RBS, projeções sobre o futuro da atividade econômica do Brasil nos próximos anos. O cenário ainda deve piorar antes de começar a mostrar recuperação

CADU CALDAS
reportagem@diario.com.br

Ainda faltam pouco mais de quatro meses para a virada do ano, mas empresários, analistas de mercado e investidores não veem a hora de se vestir de branco, pular sete ondinhas e deixar 2015 para trás. Com o ritmo fraco da economia – a projeção mais recente é de recuo de 1,76% no Produto Interno Bruto (PIB), a pior queda desde 1990 –, é consenso que este já é um ano perdido. A dúvida é justamente quando o país será capaz de superar a crise que enfrenta hoje e voltar a crescer de maneira sustentada.

A despeito das incertezas sobre a recuperação, a estimativa é de que o cenário ainda piore antes de melhorar. A boa notícia é que o fundo do poço está próximo e deve ser atingido ainda neste terceiro trimestre – com queda no consumo das famílias e retração maior nos investimentos privados e gastos do governo.

Mas a velocidade da escalada de volta, na visão dos especialistas, vai depender da capacidade do governo de ganhar impulso firmando o pé em pedras hoje bastante soltas. Terão que desanuviar a conturbada relação com o Congresso, aplicar medidas de ajuste fiscal necessárias, controlar a inflação que anda acima da meta estabelecida há meses e reconquistar a confiança do empresário, bastante reticente em investir. A indústria automobilística é um

bom exemplo do desânimo que tem atingido setores da economia em 2015. As montadoras iniciaram o ano prevendo crescimento de 4% na produção de veículos. Passado o primeiro semestre, refizeram a conta com uma reviravolta: agora apostam em queda de 17,8% em relação ao ano passado, o que, se confirmado, levará o país a um retrocesso de nove anos no número de veículos que sairá das linhas de montagem brasileiras.

Os números começaram a ser revistos ainda em abril, mas nos últimos meses a expectativa de tombo só cresceu. Processo bastante semelhante ocorreu com outros segmentos da indústria e também com as vendas no comércio e com a construção civil – responsável por boa parte dos empregos gerados no país.

Com um caminho cheio de percalços, é difícil encontrar analistas que se considerem otimistas. A maioria prefere se definir como mais ou menos pessimista. Mas há ainda aqueles totalmente céticos quanto à capacidade de saída no curto prazo e que avaliam que a crise deve se estender e chegar às portas da próxima eleição, em 2018.

O Grupo RBS ouviu 10 analistas, de diferentes matizes ideológicas e área de atuação, na iniciativa privada e no meio acadêmico, para entender o que tem feito cada um deles desejar Feliz Ano Novo ainda em agosto.

Colaborou Francielle Martini, especial



JURANDIR MACEDO,
Economista e professor da UFSC

É difícil prever o que acontecerá com a economia brasileira nos próximos meses, porque dependerá de como o governo irá conseguir impor sua pauta perante o Congresso Nacional. É hora de cortar gastos, até agora o governo tentou gastar mais do que

ganhava, então precisa entender que vai ter que cortar despesas. Com estas medidas a taxa de juros começará a cair e a economia voltará a crescer. Sou otimista, acredito que haverá racionalidade por parte do governo e teremos boa perspectiva de crescimento para os meados de 2016.



JULIO CÉSAR GOMES DE ALMEIDA,
Professor da Unicamp, ex-secretário-executivo do Ministério da Fazenda e ex-diretor-executivo do IEDI

Começa a ficar menos ruim no primeiro semestre de 2016, mas crescimento só a partir da segunda metade do ano. Isso se as forças políticas do país não continuarem jogando contra as medidas tomadas pelo governo e a Polícia Federal tiver concluído suas investigações. É preciso lembrar que a

economia já vinha fraca antes mesmo da fragmentação política no Congresso e dos escândalos de corrupção na Petrobras impactarem o setor produtivo. Quando essa situação passar, a economia brasileira vai voltar a se deparar com o potencial que realmente tem: um setor habitacional a ser explorado, um grande mercado consumidor e o agronegócio forte.



CARLOS THADEU DE FREITAS,
Ex-diretor do Banco Central e economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC)

O juro mais alto este ano já conseguiu reduzir a expectativa de inflação no futuro e isto é muito importante, tanto para os consumidores voltarem a comprar quanto para os empresários decidirem investir. O governo já fez algumas coisas que há muito precisavam ser feitas, como o realinhamento de preços

controlados – energia, combustível e transporte público. O pior já passou. O dólar mais alto ajudou a melhorar a balança comercial, mas qualquer cenário traçado agora é uma probabilidade. Há muito ainda a ser feito, medidas de ajuste fiscal a serem adotadas. E o ministro Joaquim Levy, apesar de ter feito o que pode, enfrenta uma resistência forte no Congresso.



MAURÍCIO MOLAN,
Economista-chefe do Santander

Apostamos em uma recuperação ao longo de 2016. No geral do ano, a economia ainda não vai ficar no campo positivo, mas já vai dar sinais de retomada no segundo semestre. Vai depender se o Banco Central começar a reduzir gradativamente a taxa de juro. Tudo indica que o BC vai se mostrar menos

rigoroso com a convergência da inflação para o centro da meta e permitir um afrouxamento monetário ao longo de 2016. E este é um fator determinante para criação de um ciclo positivo para a economia. Mas é importante também não desconsiderar outros fatores importantes, como o ambiente internacional e a situação política.



MODERADO



MARCÍLIO MARQUES MOREIRA, Ministro da Fazenda durante o governo Fernando Collor e ex-embaixador nos EUA

É preciso discutir primeiro quando o governo vai conseguir de fato aplicar um ajuste fiscal. Para voltar a ter PIB positivo, vários fatores têm forte influência. Entre eles, a velocidade da recuperação da economia americana e a capacidade do Brasil adotar reformas estruturantes. E essa última depende principalmen-

te da capacidade de diálogo do governo com o Congresso, o que é muito difícil de imaginar no curto prazo. Ainda mais porque parte desse relacionamento parece depender dos avanços na investigação da Operação Lava-Jato. Não acredito em um ajuste mais forte nas contas antes de 2017. E só podemos falar em crescimento depois disso.



JOSE LUIZ DA COSTA OREIRO, Professor de economia da UFPR e presidente da Associação Keynesiana Brasileira

Nos últimos sete anos, o Brasil passou por uma mudança estrutural perversa com a perda de participação da indústria na economia. Além dos problemas conjunturais que já nos afetam - ciclo de juro, ajuste fiscal, Operação Lava-Jato -, foi reduzido o potencial de crescimento do país. E para mudar não é

da noite para o dia. É preciso fazer ajustes na relação entre salário e câmbio para incentivar a produção de fábricas que vendem produtos no mercado internacional, e isso leva, no mínimo, dois anos. Em termos de taxas de emprego, ainda nem chegamos ao fundo do poço. O desemprego deve chegar a 9% antes de haver qualquer melhora no cenário.



SAMY DANA, Economista e professor de finanças da Fundação Getúlio Vargas

Melhora só em 2017. É como se fosse um paciente obeso que em 2015 se recusou a fazer dieta. Sem ajuste nas contas não é possível nem ter esperança de recuperação. Se começar em 2016, não significa que a saúde estará reestabelecida no ano seguinte, mas vai mostrar disposição, o que vai ajudar

a reconquistar a confiança dos empresários e dos consumidores. Se a meta de ajuste fiscal não for revista e o governo não conseguir resolver este impasse político, corremos o risco de termos um outro ano perdido em 2016. É importante considerar a chance das agências de classificação de risco reduzirem a nota do país, o que dificultaria a retomada.



CELSO PUDWELL, Economista do BRDE

A extensão da crise econômica vai depender muito da extensão da crise política. O país pode voltar a crescer, de maneira tímida, em 2017, mas isso obedece a várias condições. Primeiro, a manutenção do grau de investimento e, depois, a aplicação do ajuste fiscal e a não aprovação das pautas-bomba.

Sem isso, o crescimento vai ficar para 2018 ou até mais tarde. Enquanto não houver uma pauta mínima em comum entre governo e oposição fica difícil. Em 2016, a inflação já vai estar menor, por conta da própria crise, e o Banco Central deve começar a baixar o juro no segundo semestre, o que permite pensar em avanço do PIB para 2017.



PESSIMISTA



JOÃO ROGÉRIO SANSON, Economista e professor da UFSC

A economia brasileira e também dos demais países funciona em forma de ciclo, intercalando períodos de aceleração e outros em queda. A nossa crise é grave porque o Produto Interno Bruto (PIB) não consegue se manter e continua em queda. Isso faz com que a recuperação da economia seja lenta, podendo chegar

a quatro ou cinco anos para se estabilizar e então voltar a crescer. São necessárias medidas urgentes para recuperar a confiança do setor empresarial, desta forma o mercado voltará a investir e a ter competitividade. Além disso, o governo terá que diminuir seus custos para não precisar aumentar a cobrança de tributos, o que agravaria ainda mais a crise atual.

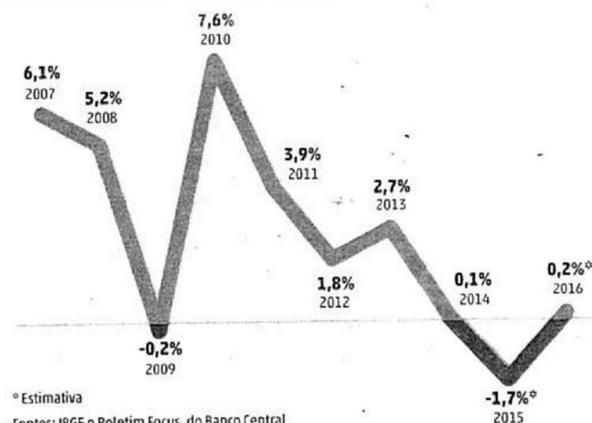


PAULO RABELLO DE CASTRO, Economista e presidente da SR Rating, empresa brasileira de classificação de riscos de crédito

A questão mais difícil não é quanto vai durar a crise, mas até quando vamos permanecer na armadilha de baixo crescimento. É possível traçar algumas possibilidades. O mais importante não é olhar quando vamos alcançar novamente os bons índices de emprego de 2013, mas quando vai haver o ponto de

virada: o desemprego parar de aumentar. Se reformas estruturais, como simplificação tributária, previdência e racionalização da legislação trabalhista, forem adotadas em 2015 - hipótese hoje atastada -, isso começaria a ocorrer ainda em meados de 2016. Sem isso, a recuperação virá pela linha mais lenta, pode ser em 2018, 2019 ou até 2020.

DESEMPENHO DO PIB NOS ÚLTIMOS ANOS



Notícias do Dia
E-mails e Cartas
"Aníbal Nunes Pires"

Aníbal Nunes Pires / Centenário / Curso de Economia / Faculdade
Catarinense de Ciências Econômicas / UFSC / Nereu do Vale Pereira



E-MAILS E CARTAS

Aníbal Nunes Pires

Encaminho a esse excelente jornal o meu forte aplauso, com destaque para a matéria de 08 e 09/08 no caderno "Plural" que aborda a imagem e personalidade do professor Aníbal Nunes Pires por seu centenário de nascimento. Destaco Aníbal como uma das celebridades dentro do professorado catarinense e ainda mais por ter desfrutado de sua amizade. Tive o privilégio de conhecê-lo bem de perto e de ter sido seu aluno no ensino médio e superior. Jamais vou me esquecer de suas sábias aulas, especialmente porque trazia-nos não só sabedoria, mas calor humano, irradiação de ética, de moral e de responsabilidade em seu exercício professoral.

Além disso, fui

privilegiado em substituí-lo como professor de sociologia no curso de Economia junto à Faculdade Catarinense de Ciências Econômicas (instituição particular e que foi assimilada pela UFSC). Quando da instalação da Universidade, o professor Aníbal atuava em três unidades de ensino e, por isso, teve que renunciar a uma de suas cátedras. Aberto um concurso para o qual concorriam seis candidatos, tive a ventura de ser o melhor classificado e assim ocupei a cátedra, fato do qual muito me orgulho face à irrepreensível e irretocável figura do professor Aníbal. Aproveito para parabenizar o ilustre filho de Aníbal, o competente cineasta Zeca Pires.

Nereu do Vale Pereira

Notícias do Dia
Carlos Damião
"A Escola Industrial"

A Escola Industrial / Nereu do Vale Pereira / Faculdade de Ciências
Econômicas da UFSC



A Escola...

Professor Nereu do Vale Pereira escreve à coluna sobre o conjunto histórico do Badesc (na foto, o jardim interno), retratado na edição do fim de semana, e lembra sua história como aluno da Escola Industrial, que ali existiu entre 1941 e 1947. Além disso, entre 1963 e 1970, foi professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFSC, que funcionou no mesmo local.

... Industrial

Sobre a Escola Industrial, Nereu do Vale Pereira diz que deveria ser um modelo para o ensino de hoje. "Era uma escola de tempo integral, e todo o material didático, uniformes, material de oficinas e educação física, tudo inteiramente gratuito, incluindo três refeições diárias. Foi uma escola modelo e hoje faz muita falta", conclui.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 08/08/2015

[Leitura obrigatória: Romance de Scliar é requisito](#)

Notícias dia 10/08/2015

[Aulas da graduação começam nesta segunda-feira na UFSC](#)

[UFSC lança inscrições para cursos e oficinas de arte abertos à comunidade](#)